

Casos de câncer mais prevalentes são mapeados

PÁGINA A4

REGISTRO III POPULAÇÃO

Saúde mapeia câncer em Campinas

Próstata, mama, cólon e reto são os mais prevalentes, segundo dados divulgados em seminário

Da Agência Anhanguera

O câncer de próstata, de mama, de cólon e reto são os que mais surgem em Campinas, segundo dados apresentados pelo Departamento de Vigilância em Saúde (Devisa) da Secretaria Municipal de Saúde, no primeiro Seminário do Registro de Câncer de Base Populacional, realizado na manhã de ontem, no Salão Vermelho, na Prefeitura. As estatísticas, embasadas por dados coletados nos anos de 2010 e 2011, apontam que, entre as mulheres, o câncer de mama corresponde a 28,7% dos casos da doença, seguido do cólon e reto, totalizando 12,6% e glândula tireoide com 8,25%. Já nos homens, o de próstata representa 29,1% das ocorrências, seguido do de cólon e reto com 11,3%. Na terceira posição, a população masculina é afetada pelo tumor localizado na traqueia, brônquios e pulmões, somando 6,7%.

Notificação dos casos da doença passou a ser obrigatória desde 2017

Maria do Carmo Ferreira, coordenadora do Registro de Câncer de Base Populacional de Campinas (RCBP), explica que, apesar dos dados serem de 2010 e 2011, muito provavelmente refletem o cenário atual, pois tratasse de uma doença de progressão lenta. “Temos segurança em afirmar isto, tendo em vista que mudanças epidemiológicas do câncer levam em média 10 anos”. Entretanto, Maria diz que a intenção é consolidar os dados dos outros anos o mais rápido possível, pois parâmetros mundiais trabalham sempre com períodos de três anos de defasagem.

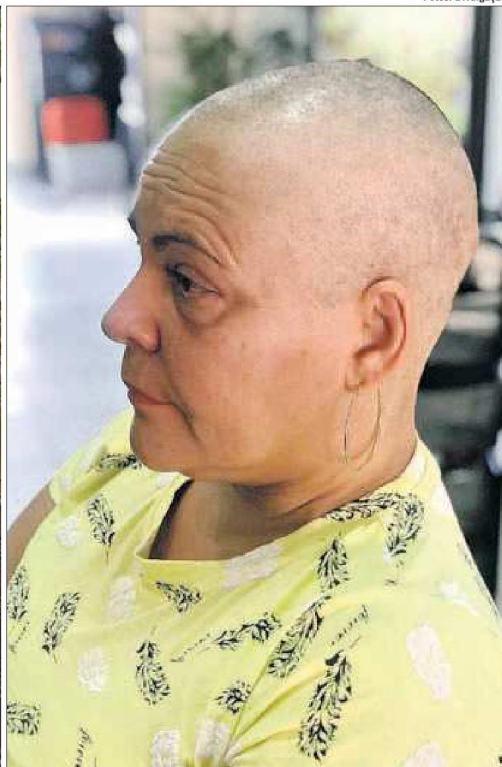
Sobre o seminário, ela analisa que o mais preponderante do evento, destinado a gestores, médicos e enfermeiros das unidades de saúde da SMS e profissionais de unidades públicas e privadas que atendem pacientes com a patologia, é divulgar esses números.

“As estatísticas ajudam na construção de políticas públicas para o combate ao câncer e para o direcionamento de recursos para o tratamento da doença”, contextualiza.

Ao todo, 34 fontes notificadoras foram utilizadas para o levantamento das informações. Os dados de cinco fontes são importados do Regis-



Bernardete Moreira estava radiante na festa graças ao “milagre” proporcionado pela ONG Tesoura Sem Ponta: quimioterapia causou abatimento



Fotos: Divulgação

Mãe ganha peruca para acompanhar casamento da filha

Ver sua filha se casar era um sonho que Bernardete Moreira da Silva Vieira dos Santos teve desde que deu à luz a garota, há 29 anos. Quando Luciane Cristina Moreira da Silva ficou noiva, ano passado, a contagem regressiva para a cerimônia mexeu com a cabeça de Bernardete, desde na ajuda nos preparativos para a festa quanto na compra do vestido e na ansiedade para a 'superprodução' no salão no grande dia. Um imprevisto, porém, alterou toda a programação. Ao descobrir um câncer de mama, em novembro, Bernardete se abateu. As sessões de quimioterapia se tornaram constantes e, como em muitos casos, se tornou inevitável a queda de cabelo. Mais que isso: a queda da auto-estima. “Eu

estava sem chão e depressiva. Fiquei meses esperando o casamento, deixando o cabelo crescer, e de repente me imaginei entrando na Igreja careca”, lembra. Mas a história teve um final feliz. Bernardete “casou” sua filha Luciane no último sábado, na Paróquia São Benedito, em Americana, e com todas as madeixas no cabelo, como sempre imaginou em seus sonhos. O “milagre” foi proporcionado pela Organização Não Governamental (ONG) Tesoura Sem Ponta, de Campinas, que se sensibilizou com a história das americanenses. “Entrei em desespero quando fui perdendo meus cabelos. Não queria colocar um vestido bonito e ficar sem cabelo. Sempre fui muito vaidosa. Quando

procurei a ONG, deu para esquecer a doença. Foi só alegria no dia. Parece pouco uma peruca, mas para mim foi algo muito significativo”, conta Bernardete, que tem 54 anos e já trabalhou como tecelã e diarista. Atualmente, está sem trabalhar, por causa de uma artrose. Idealizadora da ONG, a jornalista Larissa Dias recorda que o dia em que Bernardete ganhou a peruca, às vésperas do casamento, foi emocionante. “Ela chegou bem antes do horário combinado, estava muito ansiosa. Foi um momento de muita alegria, ela saiu chorando de soluçar depois que colocou a peruca”, diz. Para Luciane, ver sua mãe com as mechas no cabelo novamente foi um dos momentos mais especiais de seu casamento.

“Ela estava toda chique, com a auto-estima e o bom humor lá em cima. Todos elogiaram. Ela estava muito preocupada em como iria ao casamento e quando ganhou a peruca foi uma festa e emoção não só dela, mas de toda a família”, afirma a noiva, que é assistente financeira. A Tesoura Sem Ponta já recebeu mais de 5 mil doações através de parcerias com salões de beleza e outras instituições, beneficiando mais de 500 crianças e mulheres desde sua criação, em 2014. A ONG completa 4 anos de fundação no próximo dia 20 com um evento beneficente no Espetinhos Norte-Sul, que contará com show de dupla sertaneja, espaço infantil e diversos sorteios para o público. (Renato Piovesan/Da Agência Anhanguera)

5.585

CASOS

De câncer foram diagnosticados em Campinas, no ano de 2010

20%

DAS MORTES

Em Campinas em 2017 são provenientes do câncer, como grupo de doenças, ficando atrás somente das doenças cardiovasculares, segundo a Devisa

29%

DOS CASOS

Em homens em Campinas são de próstata; é o mais prevalente no Brasil na população masculina

tro Hospitalar de Câncer da Fundação Oncocentro de São Paulo (FOSP) e do Sistema de Informação de Mortalidade (SIM / SMS). O restante das 28 fontes tem como base registros da equipe do RCBP de acordo com o atendimento do sistema de saúde da cidade.

O evento também foi palco para a apresentação do Boletim de Mortalidade pela professora Marilisa Berti Barros da Faculdade de Medicina (FCM) da Unicamp. Marceli de Oliveira Santos, representante do Instituto Nacional do Câncer (Inca) do Ministério da Saúde, falou sobre as estimativas e perfil da doença no Brasil e no mundo.

A notificação de todos os casos da doença registrados no Município passou a ser obrigatória no último ano, por meio de aprovação de lei municipal. Todas as instituições de saúde, privadas ou públicas, devem informar os dados ao Devisa. O registro possibilita identificar grupos de riscos, além da realização de melhores avaliações e acompanhamentos de mortalidade, tanto quanto um melhor planejamento para participação de estudos epidemiológicos.